

LUCE FABRI, O ANARQUISMO E AS MULHERES

MARGARETH RAGO*

Universidade de Campinas - UNICAMP

Não tenho dúvidas de que escolhi escrever a biografia da militante italiana Luce Fabbri por se tratar de uma anarquista do sexo feminino.¹ Mesmo considerando as experiências dos libertários do outro sexo muito envolventes e dignas de serem historicizadas, estava firmemente decidida a dar visibilidade a uma outra dimensão da experiência histórica do anarquismo, entrando através das portas abertas pelo olhar feminino. Acredito que, ao menos até nosso presente, há diferenças marcantes entre os gêneros, diferenças na maneira de perceber o mundo, de organizar o cotidiano, de sentir, construídas por uma cultura que se esforçou e esmerou em definir o lugar de cada um, de cada classe, de cada etnia, de cada sexo e de cada idade. Já exploramos suficientemente a dimensão esquadrihadora e classificatória da sociedade disciplinar, que começamos a deixar de ser.

As mulheres observam detalhes, são atentas aos pequenos fatos da vida cotidiana, preservam, cuidam, participam mais diretamente das tarefas da vida doméstica, são excluídas de muitos espaços públicos e de muitas experiências especificamente masculinas, a exemplo do exército e

* Margareth Rago é professora livre-docente do Depto de História do IFCH da Unicamp e coordenadora do Grupo de Estudos Foucaultianos da Linha de Pesquisa História, Cultura e Gênero do Programa de Pós-Graduação em História deste Depto. Foi professora-visitante no Depto de História do Connecticut College, nos Estados Unidos, pela Comissão Fulbright. Publicou vários livros: *O que é Taylorismo?*, Brasiliense, 1984; *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar*, Paz & Terra, 1998; *Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo*, Paz e Terra, 1991; *Narrar o Passado, Repensar a História*, com Renato Aloísio Gimenes, Unicamp, 2000 e *Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri e o Anarquismo Contemporâneo*, Unesp, 2001.

da guerra, sofrem pressões diferenciadas das que atingem os homens. Mesmo as que têm uma trajetória pouco comum, como Luce, por se tratar de uma ativista política e de uma professora universitária, têm sido alijadas dos processos históricos, inclusive pela construção da memória oficial.

Luce Fabbri nasceu em Roma, em 1908 e faleceu em agosto de 1992, em Montevideu, onde vivia desde 1929, quando fugiu da Itália perseguida pelos fascistas. Teve, ao longo do século, uma experiência bastante agitada, entre a resistência anti-fascista, as lutas contra as várias ditaduras latino-americanas e a escrita, como militante anarquista, como crítica literária e como poetisa. Sua obra recobre, pois, um campo muito vasto, da política à educação, da história à literatura, composta por dezenas de livros e opúsculos e por centenas de artigos e entrevistas.

Busquei em Luce Fabbri a “cronista”, gravando suas memórias, abrindo seus arquivos, remexendo seus papéis, documentos e fotos e lendo seus livros, nas muitas vezes em que me hospedei em sua casa, no bairro operário Unión, de Montevideu. No início dessa pesquisa, em janeiro de 1995, ainda não conhecia sua dimensão de historiadora, não apenas como professora de história, atividade que exerceu por sete décadas nas escolas secundárias do Uruguai, mas como pesquisadora envolvida com a imigração italiana ao Uruguai, com a história do fascismo, cuja ascensão presenciara e com as experiências autogestionárias da Revolução Espanhola, que tanto admirara. Também ignorava que, desde 1949, se tornara professora de Literatura Italiana na Universidad de la Republica do Uruguai e que, como crítica literária, escrevera muitos textos, entre os quais um imenso livro intitulado *La Poesia de Leopardi*.²

Conhecia apenas a ativista libertária, filha de um dos grandes nomes do anarquismo italiano, Luigi Fabbri, amigo, discípulo e biógrafo de Errico Malatesta. Ignorava se Luce havia tido algum envolvimento com as lutas feministas no Uruguai, ao longo das décadas em que aí viveu, entre 1929 e 1992, e aos poucos me dei conta de que, por menos que se professasse feminista, sua rede de amizades me levava ao encontro de outras libertárias, como Débora Cespedes, Esperanza, Inês Guida, e, mais no passado, como a espanhola Concepción Fernandez, ou ainda,

das feministas, como as irmãs Paulina e Luísa Luisi, e também das poetisas, artistas, intelectuais, trabalhadoras que conhecera ao longo da vida. Seu olhar conduziu-me, inevitavelmente, ao universo anarco-feminista.

Assim como muitas anarquistas com larga experiência de militância política, Luce Fabbri tinha muitas restrições ao feminismo, mantendo com este uma relação complexa e ambígua. Em geral, o termo “feminista” designava para sua geração, as mulheres liberais de classe média que lutavam pelo direito de voto, mantendo intacta toda a estrutura hierárquica social e patriarcal. “Feministas” eram, portanto, aquelas que lutavam pelo direito de acesso ao mundo masculino da política, mas que não percebiam a importância da autonomização da cultura feminina, da linguagem específica das mulheres, enfim, de tudo aquilo que os anos 1980 chamaram de “feminismo da diferença”.

No Brasil dos anos vinte e trinta, a libertária Maria Lacerda de Moura insurgia-se contra a feminista Bertha Lutz, por motivos muito semelhantes, enquanto que Federica Montseny, uma das revolucionárias anarquistas mais importante da Espanha dos anos trinta, que defendia a legalização do aborto enquanto Ministra da Saúde e da Assistência Social, não se definia como feminista.³ De modo geral, as libertárias radicalizaram a luta pela emancipação das mulheres, pregando o direito à maternidade consciente, ao prazer sexual, ao divórcio, defendendo o fim do casamento monogâmico indissolúvel, questionando a virgindade, entre outros pontos.

Contudo, se não se considerava feminista propriamente dita, Luce ao menos se preocupava com a questão da libertação das mulheres e, ademais, ela mesma foi mãe, teve uma filha e duas netas. “*Eu não vi restrições para os direitos da mulher aqui*”, diz ela, logo que chega a Montevideu. De repente, recua. Recorda-se de que alguns dias depois de ter chegado a esta cidade, estando a procurar uma casa para alugar, enquanto o pai trabalhava para iniciar o periódico de resistência anti-fascista **Studi Sociali**, vai encontrá-lo num café do centro, perto do Correio Central: “... sentei, pedi um café, aí me dei conta de que eu era um espetáculo, as pessoas passavam, me olhavam e eu não sabia o que fazer, comecei a ler e... as pessoas me olhando, porque levantava a vista e via todas as

peças que me olhavam... e quando nos fomos, me senti muito incomodada. As mulheres não iam a cafés, menos ainda perto do porto, nesse bairro, mas essa foi a única limitação que senti como mulher.”

O URUGUAI ANARQUISTA E FEMINISTA

Avaliando retroativamente a situação das uruguaias, naquele período em que chegava, Luce afirma: *“Achei que a mulher não aproveitava o espaço que se lhe abria. A mulher era mais retraída aqui do que na Itália, não ia sozinha nem a um café... A classe média, sobretudo, tinha uma quantidade de temores, uma mulher sozinha não recebia um homem em sua casa... Ao mesmo tempo, o batllismo no poder garantia o direito de divórcio, tinha um programa muito de esquerda para as mulheres.”*

Havia muitas professoras e estudantes nos liceus da cidade, naquela época, havia inclusive uma “Universidad para Mujeres”, que era, na realidade, uma escola secundária feminina, posteriormente chamada de “Instituto Batlle y Ordóñez”, em homenagem ao famoso presidente. Para a diretora desta instituição, Alicia Goyena, *“uma grande mulher”*, diz Luce, partidária do ensino misto, esta era a única forma pela qual as mulheres de classe média e mesmo as da classe baixa poderiam estudar, pois as famílias não as liberavam a menos que fosse num espaço destinado ao “sexo frágil”, além do que *“um Instituto Feminino era necessário como transição para impulsionar a cultura das mulheres, isso me explicou ela.”*⁴

Mas, assim como seus companheiros, Luce acreditava que as formas mais violentas da dominação ocorriam pela divisão social do trabalho e não predominantemente pela sexual, e, portanto, a principal tarefa dos revolucionários deveria ser lutar contra a injustiça social, a miséria e a exclusão de grandes massas da população. *“Não prestava muita atenção se eram mulheres e homens, sempre pensei que a questão feminina era parte da questão social e se resolvia globalmente, só nos últimos tempos modifiquei em alguns pontos minha posição...”*, afirma ela.

E'claro que não se posicionar enquanto feminista, isto é, não fazer

da emancipação da mulher a principal meta a ser politicamente perseguida em sua militância, altera apenas em parte o aporte que Luce traz ao anarquismo, enquanto mulher relativamente independente e altamente esclarecida, com experiências muito particulares e com uma sensibilidade muito desenvolvida. Se nunca se identifica como feminista, ao menos naquelas décadas, não deixa de trazer seu olhar feminino às discussões anarquistas, suas preferências culturais, sua própria maneira de propor e de viver os ideais libertários, ou de contestar práticas sexistas, pela sua própria presença e espaço conquistado. Quer queira, quer não, os homens com quem se relacionou sempre respeitaram a mulher e a intelectual, ouvindo-a nas inúmeras conferências, acatando ou discutindo os seus textos, refletindo sobre as concepções filosóficas e políticas que elaborou. Vale, ainda, registrar a recordação que ela trouxe de sua ácida resposta ao tio-avô, que refletia toda a mentalidade da classe média italiana do século anterior, ao censurá-la por ter idéias anarquistas: *“essas idéias não são adequadas em uma senhorita”*, disse ele, *“ao que eu respondi: “as idéias ou são válidas ou não! não importa quem as pense!”*

É importante também observar como sua experiência pessoal e de grupo não a impeliu naturalmente ao feminismo, já que ela mesma sempre teve livre acesso aos espaços tradicionalmente fechados para as mulheres, ao menos para as de sua geração: a política, os negócios e a cultura. Ela acrescenta: *“Os espaços aqui não estavam fechados mais do que pelos costumes. Porém, já havia muitas e muitas que se rebelavam contra esses costumes.”*

Enquanto mulher, Luce não passou pela experiência que marca um expressivo contingente feminino de radical exclusão da esfera pública, ou ainda, de violência doméstica. Como observa: *“dentro do movimento não me dei conta de que havia esta falta de oportunidade, claro, meu pai fazia a revista, eu escrevia, me pediam colaborações, até Frugoni me convidou para escrever na sua revista socialista. Eu tinha a oportunidade de escrever, ademais vinha da Itália com outros costumes.”*

Poucas mulheres no Uruguai e no mundo, naquele período, dotadas de tantos recursos culturais e intelectuais, aliás, abraçaram tão radicalmente o anarquismo. Sem dúvida, a experiência histórica de Luce é

única e riquíssima. A exclusão que sofreu afetou muito mais sua condição política de militante do que de mulher propriamente dita; atingiu muito mais alguém que conviveu nos meios operários revolucionários da Itália, da Argentina e do Uruguai, que participou das lutas sociais, que polemizou através da escrita, do que sua condição feminina propriamente dita.

Na verdade, em seu próprio meio e nos meios de esquerda, em geral, ela se considerava muito beneficiada. Alugou a casa e fez os devidos contatos quando chegaram, pois era ela quem conhecia a língua estrangeira; tornou-se uma ativa militante como o pai e como este, dirigiu o periódico de resistência anti-fascista *Studi Sociali* (1930-46), para a qual escreveu textos políticos, literários e históricos. Quando Luigi morreu em 1935, Luce assumiu a direção da revista até 1946, e depois publicou outros periódicos. Aliás, ela mesma conta, com um sorriso matreiro, como foi sempre poupada das tarefas femininas, consideradas pesadas, monótonas e desinteressantes, como os cuidados da casa e da criança, a limpeza e a alimentação, tanto pela generosidade da mãe, quanto pela do marido, Ermácora Cressatti, também ele um anarquista italiano. Luce esteve, assim, relativamente livre para participar mais amplamente do universo masculino da política e da cultura.

Ao mesmo tempo, embora se trate de uma "anarquista histórica" atívisima, sua experiência enquanto militante é muito diferenciada da de Juana Buela, famosa anarquista dos inícios do século, no Uruguai, ou de Concepción Fernandez, sua amiga residente em Buenos Aires. Tendo acesso à cultura da elite, pois formada pela Universidade de Bolonha, crescida num meio libertário culto, pois Luigi Fabbri, além de escritor e jornalista, era professor, Luce se destaca como uma teórica do movimento, uma "mulher de idéias", se assim posso dizer.

Construir o anarquismo é uma experiência radical que se trava tanto no espaço da atuação política fora de casa, quanto nos espaços da intimidade. Implica tanto em reflexões sobre as questões políticas mais amplas, quanto numa postura renovada frente à maternidade. Antes que uma luta estritamente política, como em geral se coloca para muitos homens de sua geração, o anarquismo envolve uma questão ética, respon-

dendo pela própria produção da subjetividade. Naquele tempo, esta discussão não circulava com a intensidade com que se difunde em nossos dias, mas certamente já estava colocada no centro dos problemas com que se defrontavam os libertários, ao propor a construção de uma nova moral e de uma nova sociedade.

Além do mais, Luce chega a um país muito diferente dos demais da América Latina, que já se fazia conhecido e reconhecido como “Suíça da América”, tanto pelos empreendimentos do “período batllista” - pela acelerada modernização econômica, pela legislação trabalhista relativamente avançada, pelo reconhecimento dos direitos femininos e pelo sistema educacional existente - quanto pelo movimento social, seja dos trabalhadores, em que os anarquistas têm peso considerável já no final do século passado, seja das feministas. Embora as mulheres pobres tivessem de enfrentar muitas sortes de opressão no trabalho, embora poucas mulheres das classes médias e alta trabalhassem fora, embora a educação excluísse a maioria das mulheres pelos preconceitos existentes, já naquele momento a “questão feminina” ganhava visibilidade e os primeiros questionamentos e reivindicações feministas se faziam ouvir.⁵

Segundo o historiador uruguaio Yamandú Gonzalez, os debates em torno da função social das mulheres dos setores populares emergem entre 1870 e 1890, no país, envolvendo vários setores sociais e grupos políticos, preocupados com a desestabilização das tradicionais referências da identidade sexual provocada pela modernização socio-econômica.⁶ Em 1884, os industriais propõem a criação de uma “Escuela de Artes y Oficios para Señoritas”, visando qualificá-las para o trabalho, o que nem de longe se cogita no Brasil, por essa ocasião. Nos inícios do século 20, anarquistas, socialistas e batllistas lançam seus diferentes questionamentos em defesa dos direitos da trabalhadora, com muito mais polêmica e impacto do que ocorre, em seguida, no Brasil.

Como nesse país, a discussão em torno da emancipação feminina assumiu uma relevância maior no anarquismo: questionavam-se as bases da família patriarcal e o casamento monogâmico indissolúvel em favor do “amor livre” e de novas relações familiares; opunha-se à obrigação de ser mãe para realizar a suposta “essência” feminina, como advogavam os

médicos do período, a “maternidade voluntária”; a educação autoritária dos filhos sempre foi criticada em nome de uma formação mais livre e autônoma dos indivíduos; denunciava-se a Igreja como causadora da ignorância feminina.

Assim como no Brasil, as militantes anarquistas e socialistas identificavam as feministas com as mulheres de elite, que apenas visam melhorar sua própria condição social, sem provocar mudanças profundas na sociedade. Afinal, as operárias se mobilizam já desde os anos 1880, quando formam o *Comite de Mujeres Socialistas de Montevideo*, seção da AIT, indignando-se contra a prisão de uma revolucionária russa em Moscou. Em 1884, o jornal da Associação Internacional dos Trabalhadores de Montevideu, *La Lucha Obrera*, publica no artigo “De la Mujer”: “Queremos para elas como para vós, a instrução integral, as mesmas facilidades de desenvolvimento físico, moral, intelectual e profissional. Queremos para as mulheres, como para os homens, a independência econômica, a produção fácil para todos e a garantia para cada um do produto integral de seu trabalho, qualquer que seja ele.”⁷

No 1o. de maio de 1890, a operária uruguaia Virgina Bolten, apelidada de “*Louise Michel*” por ser uma “mulher de barricada” com “grandes qualidades oratórias”, aparece liderando as trabalhadoras nas manifestações realizadas em Rosário de Santa Fé.⁸ Em 1901, encontram-se “sociedades de resistência” entre as costureiras, lavadeiras e passadeiras. Outras militantes passam a se destacar: Maria Collazo, diretora do periódico anarco-sindicalista “*La Batalla*”, publicado entre 1915-24; Juana Buela, Jana Casas, as irmãs Cossito. (Sapriza, 1988) Em 1911, funda-se a Associação Feminista *Emancipación*, em Montevideu, dirigida e organizada por mulheres como Maria Casal y Landas, Delfa Boatti, Maria Collazo e Virginia Bolten, entre outras. Muitas trabalhadoras das fábricas se rebelam: em 1913, uma greve de mulheres, contando com a participação dos anarquistas, sacode a cidade de Juan Lacaze por dois meses.⁹

De Maria Collazo (1884-1942), a mais famosa militante anarquista dos inícios do século, criadora de um centro feminino libertário, em Buenos Aires, Luce diz: “...vivia em Montevideu, era mais velha, eu a vi uma só vez, não me recordo em que circunstância, era a sogra de Coteló,

um militante muito ativo. Tinha a imagem de uma oradora, falava muito em público e ademais havia feito um periódico, que já não saía quando cheguei”.

Famosa oradora dos “mitings” dos trabalhadores, como mostra a historiadora feminista Graciela Sapriza, denuncia a exploração do trabalho feminino numa das seções do seu jornal, explica os ideais libertários, esclarece sobre o conceito de “amor livre”: *“Porém somente numa sociedade comunista anarquista, na qual ninguém tiver que morrer de fome, seriam possíveis as uniões completamente livres, as relações felizes e os frutos do amor robustos em vez de raquíticos, (...) como estranhar então se muitos homens consideram a mulher do mesmo modo que o senhor considerava seus escravos, se tudo contribui para que assim seja?”*.¹⁰

Participa de várias greves e manifestações políticas, ajuda a organizar a “greve dos inquilinos”, em Buenos Aires, em 1907, de onde é deportada por “periculosidade social”. Sua casa, situada na Calle Arismendi é *“uma espécie de quartel general dos anarquistas perseguidos”*, diz Carlos Rama, abrigando ativistas que fogem dos países vizinhos, como Oreste Ristori e Félix Bastera, ou ainda, Carlos Balsán, Adrian Troitiño, José Tato, expulsos da Argentina. Em 1915, novamente discursa nas comemorações do 1o. de maio, ao lado de Virginia Bolten, com quem, em 1921, funda a *União Sindical Uruguiaia*, juntamente com o companheiro Roberto Cotelo, o que provoca uma ruptura com os militantes libertários da FORU.

Outra conhecida oradora dos meios anarquistas, Juana Rouco Buela, espanhola nascida em 1889, trabalhadora das fábricas desde muito jovem, participa das greves e mobilizações sociais e denuncia a condição feminina na imprensa libertária: *“De modo que nesta maldita sociedade, a mulher tem de estar continuamente subjugada, primeiro sob o bastão maternal que a castiga para que a sociedade não critique seus atos, enquanto que por outro lado a corrompe, logo, sob o látigo infame do patrão e, por último, sob o despotismo de um degenerado qualquer que, com a presunção de dono autorizado pela lei e a sociedade, faz dela uma verdadeira mártir”*.

Juana Buela tem uma vida bastante movimentada. Em seu livro de

memórias, informa que havia tomado contato com os movimentos libertários na Espanha, França e Itália e destaca seu encontro, em Barcelona, com outra militante anarquista, Teresa Claramunt.¹¹ Nesta cidade, conhece a experiência das “escolas modernas”, baseadas nas idéias de Francisco Ferrer y Guardia, que, aliás, são bastante difundidas no Uruguai, na Argentina e no Brasil, desde as primeiras décadas do século.¹²

Anarco-feminista, Juana desafia a polícia inúmeras vezes e, inúmeras vezes, é deportada de Buenos Aires para Montevideú por sua militância política. Aos 25 anos, em 1914, viaja clandestinamente para Paris, mas é obrigada a desembarcar no Brasil, onde estabelece contato com os grupos anarquistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Conhece, entre outros, o professor José Oiticica, realiza palestras na Federação Operária do Rio de Janeiro, participa das manifestações públicas ao longo dos quatro anos que permanece no país, escreve na imprensa libertária, organiza as trabalhadoras na fábrica em que trabalha.

Luce ainda se refere a Concepción Fernandez, *“anarquista de Buenos Aires, nascera na Galícia, num povoado muito pequeno, havia chegado à Argentina sozinha, aos 13 anos, era muito bonita, trabalhara como servente, empregada doméstica. Os patrões lhe davam permissão, uma hora de manhã e uma à tarde, para ter aulas de violino e aulas de ler e escrever. Gostava muito de música. Havia vindo analfabeta e se havia feito sozinha - este é um caso de autodidatismo autêntico, escrevia, dava conferências. Todo o tempo tinha que trocar de emprego, porque era bonita...”* Luce fala das dificuldades de ser mulher, referindo-se aos constantes assédios sexuais que pesavam sobre a amiga.

“Depois aproximou-se dos anarquistas, encontrou um companheiro anarquista, Antonio Vasquez Escalante... Queriam-se muito, ele era jornalista de La Nación, jornal importante de Buenos Aires e poeta... Tinha uma cozinha feita com um caixão de automóvel, nos fundos da casa de uma irmã. Então, entrava-se e cruzava-se o corredor da irmã e, lá no fundo, estava essa casinha de madeira, era uma cozinha apenas e depois a irmã lhe dera um quarto na parte de trás de sua casa. Eu parava na casa dela, quando ia a Buenos Aires; nestes primeiros tempos, na década de 30 a 40, ela era uma figura importante do anarquismo portenho, ia muita

gente à sua casa. Eu conheci ali os melhores companheiros de Buenos Aires, era um ponto de encontro, nos domingos se reuniam nesse fundo de jardim, às vezes 15, 20 pessoas de todas as classes, havia operários, intelectuais, professores, falava-se de pedagogia, de greves... Já morreu, não há nenhum livro sobre ela."

Na verdade, encontro apenas uma breve nota sobre Concepción Fernández, na revista argentina *Todo es Historia*, em que é apresentada como "oradora, poeta excepcional e dirigente política de grande coerência."¹³ Sua casa, por sua vez, aparece como "a casa do povo", permanentemente aberta para receber os companheiros ou "os mais necessitados". Falece em 1970, em Buenos Aires.

No Brasil, a "ativa camarada", segundo noticia o jornal anarquista *A Plebe*, em 9.9.1933, é saudada calorosamente e realiza várias palestras contra o fascismo e sobre a situação da mulher, ao lado de Maria Lacerda de Moura:

"Esteve entre nós, por alguns dias, a companheira Concepción Fernandez, vinda da Argentina em visita à camarada Maria Lacerda de Moura, com quem travara relações durante a estadia, em Buenos Aires, desta nossa colaboradora, alguns anos atrás."

Permaneceu no Rio durante 8 dias em companhia de suas amigas, as escritoras Hermínia Murmana (sic) e Maria Lacerda de Moura, e lá realizou três conferências.

Na noite do dia 25 chegavam a São Paulo, depois de haver passado uns dias em Guararema, residência de Maria Lacerda.

Dia 26, no festival do Centro de Cultura Social, leu a sua primeira conferência sobre o tema: "A mulher de hoje e a mulher do futuro"(...) "¹⁴.

Aliás, através de Concepción Fernandez, Luce recebe o livro *Clero e Fascismo: Horda de Embrutecedores!*, que a autora, a anarquista mineira Maria Lacerda de Moura, envia-lhe de presente, com uma dedicatória bastante afetiva, como leio no exemplar deixado em sua biblioteca: "Para a querida e grande Luce Fabbri - o coração de Maria Lacerda, 12-1934."

Outra amiga libertária, que Luce me apresentou pessoalmente, foi Inês Guida de Impemba, nascida em 1914, que esteve ligada à experiência

da Universidade Popular, que surge em Montevideu por volta de 1937/38, por iniciativa dos anarquistas. A educadora libertária, também conhecida como “La Negra”, tornou-se professora desse estabelecimento, oferecendo cursos grátis de espanhol por três anos. “*Quando terminou, seus alunos se reuniram e lhe deram um móvel de escritório!*”, exclama Luce. Vários deles haviam aderido ao anarquismo, no final do curso.

Por ocasião de sua morte, aos 84 anos de idade, em 1998, os companheiros publicam alguns de seus poemas, como “Hacia el Alba”, que diz:

*“Me moriré en invierno,
en una noche negra de un día gris.
Nací para vivir en claridades
bajo soles cercanos o lejanos
en vida unida a vidas,
para tender la mano
y sentir al hermano. (...)”*¹⁵

As feministas propriamente ditas criaram suas primeiras organizações, no Uruguai, nas primeiras décadas deste século, inspiradas por algumas pioneiras, como a professora Maria Abella de Ramirez. Em 1908, esta publicou a coletânea *En pos de la Justicia*, reunindo seus *Ensaïos Feministas*, ao lado de artigos, contos e cartas públicas, em que reivindicava os direitos da mulher.¹⁶

Crítica contundente da ideologia da domesticidade em suas várias dimensões, analisa a triste figura de “La Mujer Latina”, percebida pejorativamente como “mujercita”, desde o instante em que nasce, contrariando as expectativas dos pais, ansiosos para receberem um “varón”. Condenava “as várias escravidões” que as mulheres devem suportar, a exemplo do casamento, onde a esposa se vê progressivamente esquecida pelo marido, que “*pouco a pouco se distancia, voando em busca de outros prazeres, de outras mulheres, que não lhe pertencem em propriedade como a sua*” ou os cuidados com a casa, os filhos e a alimentação. Em seu artigo “La cocina (Confidencial)”, perguntava-se “*Como poder escapar à preocupação com a cozinha?*”, tendo em vista a libertação feminina da esfera priva-

da para participar da vida pública, em igualdade de condições com os homens.

Em 1916, surgia o *Consejo Nacional de Mujeres de Uruguay*, presidido pela dra. Paulina Luisi, primeira médica do país e integrante do Partido Socialista, cuja irmã, a poetisa Luisa Luisi se aproximou muito de Luce. Defensora da emancipação feminina, a médica feminista incluía em suas atividades a educação sexual e posicionava-se a favor do aborto, o que certamente a tornava alvo de admiração, entre outros, das feministas libertárias, no Brasil e na Espanha.

Mais próximas das reivindicações colocadas pelo feminismo liberal, as feministas buscavam a igualdade de direitos civis e políticos entre mulheres e homens, assim como o acesso à educação, e ao contrário do que ocorria com as feministas das camadas médias e das elites, no Brasil, reivindicavam melhores salários e condições de trabalho para as trabalhadoras, questionavam o casamento e reivindicavam o direito ao prazer também para o “sexo frágil”.¹⁷

No ano de chegada de Luce a Montevideú, em 1929, o jornal popular *Mundo Uruguayo* noticiava o retorno de Paulina Luisi, vinda do 3o. Congresso Internacional Feminino, que se reunira em Buenos Aires, nos seguintes termos: “Sabemos pelos jornais de Buenos Aires, o quanto a dra. Paulina Luisi trabalhou neste Congresso, tanto para deixar bem colocadas as representações que ostentava, quanto pela defesa de ideais que foram e continuam sendo o norte de sua vida.”¹⁸

Luce, por sua vez, logo se encanta com as poesias das mulheres uruguaias: “estava em pleno florescimento Juana de Ibarbourou, de muita frescura, esta, porém, precedida por dois valores femininos muito importantes, Delmira Agustini e María Eugenia Vaz Ferreira. Impressionou-me essa tríade de figuras femininas tão importantes da literatura uruguia...”¹⁹

À primeira delas, autora de *Las Lenguas de Diamante*, *La Rosa de los Vientos*, entre outros livros de poemas e prosa, Luce dedica a poesia “Sorso di Vin Buono”, publicada em seu único livro de poesias *I Canti dell'Attesa*, de 1932. Neste, agradece-lhe o deleite proporcionado por sua arte:

*"Grazie, Giovanna, pel tuo fresco dono,
dono non chiesto, dono non cercato,
per quest'anfora gonfia di buon vino
che sulle labbra inquiete m'hai inclinato!(...)"²⁰*

(Obrigada, Joana, pelo fresco presente
presente não pedido, nem buscado,
Por esta ânfora transbordante de bom vinho
Que em meus lábios sedentos você derramou).

Várias das mulheres escritoras se formaram como autodidatas, a exemplo de Débora Céspedes, sua amiga anarco-feminista, companheira de militância desde os tempos mais recentes da abertura política. Em uma entrevista, a poetisa uruguaia conta: *"Lia livros, sobretudo. Tinha um companheiro no Cerro, muito conhecido, que lhe passava livros. Ela escreveu um conto muito lindo, publicou no jornal dos aposentados, mas só agora começa a mostrá-lo."* Quando fui visitá-la na casa em que vive com seu companheiro Beto, no Cerro, bairro de forte tradição operária anarquista, Débora atendeu ao meu pedido e pôs-se a declamar alguns de seus poemas com sua voz imponente e penetrante:

"Despues

*Llueven soles oscuros
en la orilla del Tiempo
se há borrado la historia
se há borrado el recuerdo
Un latido gigante
es humano silencio
que flota en el espacio
como un magma eterno.
Un hilo de conciencia
titila en el misterio.*

mayo/93"

LUCE FABRI, O ANARQUISMO E AS MULHERES

Todo esse conjunto de informações me leva a pensar na diferença das experiências que enfrentaram as mulheres militantes em relação às não-militantes. Apesar das enormes dificuldades, as primeiras deixaram de ser marcadas tão duramente pelo estado de privação próprio do confinamento à esfera da vida privada. Pois, enquanto atuavam no mundo público, escrevendo, militando nas fábricas ou nas escolas, fazendo propaganda e organizando “mitings”, encontros, pic-nics, ou ainda, arrecadando fundos, participando das peças de teatro, fazendo comícios e conferências, ganhavam invejável independência, visibilidade e destreza nos jogos da vida pública.

Essas mulheres construíram fortemente o sentimento de pertencer ao mundo da política, formal ou informal, ao contrário de suas contemporâneas, limitadas à esfera empobrecida da vida doméstica. Privadas da luz pública, “*lugar da palavra e da ação que confere existência ao indivíduo*”, segundo Hannah Arendt, tiveram de criar outras estratégias de sobrevivência, ou aceitar um destino bastante limitado e desinteressante, voltado aos cuidados da casa e dos filhos, onde se privavam de muitos prazeres, de sociabilidades, de trocas de experiências, ao lado, é claro, dos dissabores do mundo público.²¹ Como denunciava Maria Lacerda de Moura, nos anos vinte, a virgindade, a maternidade, a família e o lar constituíam “dogmas” que favoreciam o “*interesse masculino*”, *mal disfarçado na tal de santificação do lar e da família.*” A sociedade estava assentada na escravidão da mulher e no servilismo dos fracos: “*Esse “contrato” é a partilha do leão: O homem é forte, instrui-se, vai até onde sua capacidade o leva, e, a mulher “é do lar”, não cursa estudos superiores, obedece, serve, abdica do direito de pensar para “ser do lar”, para defender a instituição da família(...).*”²²

CASAMENTO E REVOLUÇÃO: “OS DIAS MAIS LINDOS DE TODA A MINHA VIDA...”

Mesmo assim, Luce se casa e se casa no civil, em março de 1936, numa cerimônia bastante simples, sem festa, sem mesmo avisar os amigos, mais preocupados em protegerem-se das dificuldades enfrentadas pelos exilados estrangeiros: “*...foi uma coisa muito burocrática...vivíamos*

juntos mais ou menos, (a festa) era uma coisa que não queríamos, era uma coisa muito pessoal...muito privada...eu tinha 28 e ele 36." Por isso mesmo, não fazem nenhuma comemoração maior, o que leva os amigos posteriormente a reclamarem muito.

Na verdade, ambos estavam tão envolvidos com as questões políticas efervescentes do momento que Ermácora Cressatti, mal comprara roupas novas para o casamento, decidiu doá-las às milícias da CNT. A preocupação maior era ajudar os companheiros em luta na Espanha, conseguir fundos e doações para enviar às milícias de Aragon. "*Vivíamos mais na Espanha do que aqui*", lembra Luce com a expressão esfuziante, "*quando fui a Barcelona em 1981 parecia que estava em casa...conhecia Pedralbes...todos esses nomes, além disso havia a memória de Francisco Ferrer, me levaram a Monjuic para ver a fortaleza, a prisão, havia uma cela onde Ferrer havia sido encarcerado...*"

As recordações do casamento, às vésperas da Revolução Espanhola, vêm assim entremeadas pelos acontecimentos políticos revolucionários. Público e privado novamente se encontram na memória da militante mas, na prática, Luce sabe resguardar cuidadosamente o espaço da intimidade do casal. Fala pouco de sua vida conjugal e sentimental.

Preocupada com a preservação da memória do anarquismo durante a Revolução Espanhola, Luce publica a coletânea *19 de Julio. Antología de la Revolución Española*.²¹ Trata-se de um "*arquivo documentário da atuação dos anarquistas na revolução espanhola*", onde reúne um conjunto de documentos, crônicas do dia-a-dia da Revolução, informes, manifestações, declarações, reportagens, para "*que sejam salvos do esquecimento*", explica o editor.

19 de Julio justapõe cronologicamente descrições fragmentadas da luta revolucionária travada naquele momento, colhidas a partir de notícias e informações inflamadas dos jornais diários libertários, socialistas e anti-fascistas. Traz informes de líderes anarquistas, como Federica Montseny, de combatentes socialistas, como Carlo Rosselli, ou depoimentos emocionados de operários anônimos. Descreve as concentrações e os ataques do povo em armas, as conquistas dos grupos de milicianos, o "19 de Julho" em Barcelona, Granada, Córdoba, Astúrias e Aragão; a tomada da Plaza de la

Universidad, em Barcelona, depois a da Plaza de Cataluña e da Telefônica, onde se refugiam os fascistas.

É portanto, em meio a tantas emoções, que se dá a união conjugal de Luce e seu companheiro, que fora expulso por motivos políticos da Argentina, nos inícios dos anos trinta: *"...e então as duas coisas vieram juntas: o casamento, a Revolução Espanhola, a casa nova... em seguida, vieram as férias de verão, e em todo verão não fizemos nada mais do que trabalhar pela Espanha."*

Para Luce, casar-se no civil, por mais simples que tenha sido a situação, provoca um certo desconforto, um sentimento de incoerência pessoal, uma sensação de desviar-se dos princípios libertários: *"o juiz se escandalizou porque em relação aos outros casais que havia para serem casados, fazia-lhes um discursinho... para nós não fez nada disso, porque nós estávamos com a roupa de todo dia...eu sentia que havia violado um princípio, bem, eu era partidária do amor livre, eu vivia na atmosfera de meu pai e então, para mim era normal o amor livre e foi uma coisa desagradável ir registrar meu matrimônio..."*

Tranquila em matérias do coração, ela teve uma vida monogâmica bastante feliz ao lado de Ermácora. Perguntei-lhe se havia sido uma grande paixão, ao que respondeu: *"Não vivi a paixão, foi um amor profundo, o que não é o mesmo. Começou como uma amizade, fomos amigos por três anos, saíamos todos os domingos e foi muito bom. Vivemos muito plenamente."*

No contato mais íntimo, entretanto, a aparência profundamente racional cede terreno à sensibilidade da mulher atingida por Cupido, que também teme por seu amor, que reclama atenção quando o marido se afasta, que se inquieta com as questões do coração. Entre a firmeza ideológica e a afetividade à flor da pele, a militante e a poetisa convivem lado a lado.

Embora os anarquistas defendam o amor livre, o que significa um tipo de união amorosa e sexual constituída espontaneamente, desvinculada das obrigações relativas ao Estado e à Igreja, muitos se casaram legalmente nessa época, por inúmeros motivos: facilidade de conseguir documentação, por serem estrangeiros; forte pressão social exercida sobre os setores

mais pobres da população, associados, no imaginário das elites, às imagens da degenerescência e da irracionalidade; desejo de reconhecimento social e de respeito. Dificil momento para o amor livre, como afirmava a ativista espanhola Federica Montseny, num artigo publicado por *La Revista Blanca*, de Barcelona, em 1932, intitulado “La Mujer, problema del hombre”.

Diferentemente daquelas que compõem o campo de observação de Montseny, Luce tem uma experiência muito positiva no campo amoroso e no casamento: as relações libertárias continuam a ser vividas e cotidianamente construídas desde o interior da família, agora da sua própria. Dificilmente se poderia falar em submissão da mulher ao marido, ou vice-versa, neste caso. *“Meu companheiro cuidava para que eu me dedicasse inteiramente à militância. Pensava num primeiro momento que se pudesse ganhar dinheiro para os dois, eu poderia parar de trabalhar e a revista sair a cada 15 dias, por exemplo. Depois mudou de idéia, pensou que o ensino era uma forma de militância, se fosse um ensino cuidadoso, o ensino seria outra forma de criar espaço libertário.”*

ENTRE A CLASSE E O GÊNERO

As posições de Luce sobre a condição social das mulheres e do feminismo refletem, deste modo, muito de uma trajetória bastante singular e afortunada, mas também decorrem de suas próprias concepções teóricas em torno da Revolução. Em termos de sua experiência pessoal, sua vida é muito confortável no que se refere às relações de gênero, pois, de modo geral, não sofreu as restrições e imposições feitas à maioria das mulheres de sua geração. Não só teve acesso à cultura erudita, frequentando a Universidade mais antiga da Itália, a de Bolonha, nos anos vinte, como foi militante durante toda a vida e nunca aprendeu a cozinhar.

Sem absolutizar, creio que pertencer ao meio libertário naquele período alterava em muito a situação das mulheres. Não apenas os homens anarquistas já possuíam uma reflexão maior sobre a condição das mulheres e sobre o feminismo, como trabalhavam ao lado de outras companheiras, muitas das quais mulheres bastante diferenciadas em termos de ou-

sadia e coragem.

Assim, sua experiência parece ser menos marcada pelo impacto dos comportamentos machistas tradicionais, do que a das mulheres de fora do movimento, a se observar tanto as atitudes do pai, quanto as do marido, ou do irmão Vero, dois anos mais novo. Os pais de Luce, Luigi e Bianca, também haviam tido uma vida harmoniosa e de muita colaboração. Em várias ocasiões, Luce afirma que embora sua mãe não fosse exatamente uma militante anarquista, pois não se definia assim, participava diretamente do movimento, através da ajuda cotidiana que dava tanto ao pai, quanto a ela mesma. Também Ermácora frequentemente encarregava-se dos afazeres domésticos, para que Luce pudesse refletir e escrever, pois entendia que sua função enquanto teórica do anarquismo era mais importante do que seu papel nas funções domésticas. Portanto, desde sempre, sua vida esteve profundamente ligada às questões constitutivas da esfera pública, apesar da maternidade. Luce teve uma filha, Luíza, em 1940. Nesse sentido, o feminismo era um problema que assumia proporções menores para ela, que apenas conheceu os problemas da violência doméstica a partir da narrativa de experiências exteriores à sua vida.

Isto não significou que tivesse ficado indiferente às discussões trazidas pelo movimento das mulheres e, na condição de militante anarquista, é possível observar, na evolução de seu pensamento, um sensível deslocamento que a leva da crítica ao feminismo, na juventude, para uma tentativa de reatualizar o anarquismo em relação às questões colocadas pelo movimento das mulheres, depois dos anos setenta. Ou seja, a pensadora libertária passa de uma posição polêmica e recalitrante em relação às reivindicações feministas a uma atitude de maior aceitação da especificidade das questões de gênero.

Num artigo publicado no jornal argentino *Arista*, em 5 de março de 1933, intitulado o “Feminismo”, ela reconhecia o valor da conquista do direito de voto pelas mulheres apenas enquanto este lhe era negado enquanto direito, e não por acreditar em sua eficácia política mais geral. Contestava o feminismo, afirmando que embora se insurgisse contra a dominação masculina sobre mais de metade dos seres humanos, o problema

deveria ser pensado nos marcos da luta “entre os que querem a máxima liberdade e o máximo respeito para os direitos individuais e os que submetem toda atividade humana ao império das leis dogmáticas e opressivas.”, e não em termos sexuais. Sustentava, no entanto, que as mulheres seriam capazes de trazer muitas contribuições ao mundo masculino guerreiro, pois portadoras de uma experiência de gênero muito diferenciada:

“A mulher, pelas condições de sua existência está geralmente mais do que o homem em contato com a realidade concreta, não só porque está mais próxima das fontes da vida, como também porque geralmente é ela quem administra o lar, a que se encarrega das pequenas coisas, dos detalhes mais humildes e mais indispensáveis(...).”

Mais recentemente, Luce avançou:

“...as mulheres têm algo de seu para aportar, algo de gênero, uma experiência única de uma economia não competitiva: a economia doméstica, em que as crianças têm precedência, em que os velhos estão assistidos porque são velhos, em que cada qual aporta o que pode e consome o que necessita, isto é a economia doméstica. Nos últimos tempos, tenho pensado se vale a pena ocupar-se do problema da mulher sobretudo nesse sentido. Houve uma revolução, uma integração maciça na vida de relações, na vida pública. Se se conseguisse que a mulher trouxesse essa experiência secular e essa mentalidade, pois ela teve a sorte de não haver sido soldados, ministros ou presidentes, com algumas exceções...”

Para ela, portanto, as mulheres podem e devem revolucionar o mundo masculino, já que são portadoras de uma cultura própria, de outras formas de percepção, de organização e de elaboração prática, estética e mental. Não que uma essência biológica pudesse responder por essa diferenciação dos gêneros, mas a própria forma cultural que assumiu a divisão sexual dos papéis responde pela construção de mulheres e homens diferenciadamente em nossas sociedades, ao menos até os marcos da atualidade. Diferenças históricas e culturais, portanto, encontram-se na base das diferenciações sexuais e isto tem uma dimensão acentuadamente política. Inexperientes enquanto guerreiras, comandantes e generais, as mu-

lheres desenvolveram uma larga experiência de gestão da vida, de administração do lar, de cuidados com o corpo, de vínculos com a natureza, que as tornou mais habilitadas do que os homens a organizar a vida social. Além do mais, estiveram na base dos movimentos de resistência às ditaduras latino-americanas. *“A participação das mulheres estava dada muito nas bases, elas decidiam quem ia administrar o movimento, tinham a participação nas decisões.”*

Sem nenhuma intenção de exclusão de qualquer categoria social, étnica e sexual, Luce defende um mundo plural, onde as culturas diferenciadas possam interagir positiva e libertariamente. Contudo, vinda de uma tradição anarquista, militando todo o tempo nos meios operários, os conflitos entre as classes e a luta político-ideológica contra a ditadura assumiram primazia em relação às questões do feminismo.

Mais recentemente, Luce reconsiderou suas próprias posições, procurando alargar o anarquismo enquanto uma doutrina capaz de incorporar as demandas especificamente femininas. Em diversos artigos e entrevistas, passou a valorizar de forma mais efetiva a cultura feminina, muito embora em nenhum momento de suas memórias tenha-se referido aos conflitos nas relações de gênero entre os anarquistas. Ao contrário, afirmou sempre que suas constatações sobre o machismo, por exemplo, foram pautadas mais pelo que assistiu fora dos meios libertários do que dentro, além do que também construiu uma leitura muito positiva de sua própria experiência pessoal e política. Nesse sentido, entende-se sua constante divergência comigo, quando eu lhe dizia da importância que, para mim, assumia o fato de ela mesma ser mulher.

Aliás, foi numa mesa-redonda em torno do tema *“Mulheres Anarquistas”*, que nos encontramos, em 28 de agosto de 1992, no Encontro Internacional *“Outros 500. Pensamento Libertário Internacional”*, em São Paulo. Naquela sessão anarco-feminista, à crítica lançada contra o moralismo dos anarquistas e as relações de poder entre os gêneros, Luce posicionou-se firmemente em defesa daqueles, baseada em suas próprias vivências pessoais e coletivas, preservando a todo custo a imagem dos anarquistas.²⁴ Por outro lado, a anarquista não se esqueceu, em sua crítica ao poder, da discriminação contra as mulheres em vários momentos históricos, a

exemplo da instaurada pelo fascismo italiano:

“o fascismo estabeleceu por lei que nos últimos anos do ensino secundário não poderiam ser mulheres as professoras de História e Filosofia, porque as mulheres não podiam formar personalidades fortes. Assim, todas as professoras de História e Filosofia não sabiam onde ir porque não havia Filosofia no primeiro ciclo, enquanto as de História foram ensinar italiano, latim, grego, história e geografia, nos primeiros anos. As de Filosofia, mudaram de matéria simplesmente. Esta foi uma discriminação que vi a posteriori, porque antes não era assim.”

No artigo “La Nueva Mujer”, publicado em novembro de 1988, na revista *Opción Libertaria*, produzida por seu grupo de militância política, *GEAL – Grupo de Estudios y Acción Libertaria*, desde 1985, Luce afirma que, historicamente, poucas portas se abriram para integrar a mulher à comunidade e que o capitalismo não melhorou sua sorte, ampliando as formas da exploração econômica. Considera que ainda não se avaliou bem a importância da saída maciça da mulher do ambiente doméstico, sobretudo no terreno social e político. E vê possíveis campos de ação conjunta para homens e mulheres, onde se possa criar um novo mundo mais integrado: abastecimento básico, escola, saúde, assistência social, pesquisa científica, manifestação artísticas, esportes. Rompendo com a esfera privada, a mulher poderia aí exercer uma função dinamizadora, já que está mais ligada às raízes concretas da vida e *“se faz presente no momento em que a humanidade parece entrar em transe ao suicídio.”*

Se de um lado concluo que Luce protege o anarquismo, recusando-se a enfrentar mais diretamente a questão do machismo especialmente dos próprios libertários, por outro, observando as relações que se teciam entre as mulheres em sua casa, ocorre-me pensar que ali encontrei, por alguns anos, uma comunidade marcadamente feminina. Luce, sua neta Olga, médica, a secretária Madalena administravam a vida doméstica, decidiam as atividades cotidianas, organizavam todos os afazeres, de maneira tranquila, com muita colaboração entre si. No almoço ou no jantar, discutimos assuntos polêmicos muitas vezes, sem limitar-se aos temas “de mulheres”, como frequentemente acontece no Brasil. Inteligentes, cultas e

informadas, não deixam de ser pessoas profundamente engajadas, mesmo se não estão participando diretamente de algum grupo político.

A convivência em sua casa, ao longo dessa pesquisa, também me fez compreender de uma maneira mais direta a diferença entre as sociabilidades libertárias e as não-libertárias, entre uma família libertária e as não-libertárias, o que não implica necessariamente em autoritarismo. Há, sobretudo, uma dimensão da temporalidade que difere da de outras formas de organização social, como se o tempo aí parasse e fosse permitido deixar emergir o atual em sua plenitude. Afinal, como diz Luce, é sempre muito mais demorado construir relações libertárias, descentralizadas e não-hierárquicas, abrir espaços outros, diferentes, ou heterotópicos, como propõe Foucault, e é isso justamente o que assusta profundamente aos autoritários.

ENTRE A ESCRITORA E A AVÓ

Para finalizar, gostaria de trazer um aspecto mais familiar da militante libertária.

No último Encontro internacional de que participa, realizado em Barcelona, em 1993, Luce apresenta o texto “Uma Utopia para o Século XXI”, ao final do que é aplaudida vigorosamente pela público presente.²⁵ Sua neta Andrea, nascida em 1973, que a acompanha nessa viagem, descobre uma dimensão da avó que até então lhe era totalmente estranha, conforme explica:

“...foi muito emocionante, para mim era ver o êxito do trabalho de minha avó, o reconhecimento de seu labor. Eu estava muito distante do seu trabalho, toda a minha vida eu tive a minha avó duas vezes por ano, então, eu a desfrutava como avó, ela nunca me falava de seu trabalho.(...) Quando nos encontrávamos, não falávamos disso, ela já trabalhava todos os dias do ano, não estava comigo...”

afirma na conversa que tivemos em janeiro de 1999, em Montevidéu.

Como é a Luce-avó, pergunto-lhe? Ela sorri e se transporta para Neuquem, na Patagônia, onde sempre viveu:

“Minha avó ia a Neuquem e me levava obras escritas de títeres, nós líamos e fazíamos teatro em casa, então para mim ela não é a escritora, a pensadora Luce Fabbri, é minha avó. Esse tempo em que estava comigo, jogava comigo, saíamos a passear juntas por Neuquem, porque ela vinha a Neuquen uma vez a cada tanto. Eu nasci em 1973 e a partir de 1980 passei a vir aqui nos verões e minha avó passou a ir menos. Quando eu vinha para cá, ficávamos em sua casa conversando, à medida em que eu ia crescendo e ela ia ficando mais velha, as coisas que fazíamos eram distintas... quando era pequena, nos sentávamos no chão e brincávamos de mãos dadas, ela me cantava uma canção italiana...”

NOTAS

¹ Margareth Rago. *Entre a história e a liberdade, Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, UNESP, 2001.

² Luce Fabbri, 1972.

³ Patricia Greene «Federica Montseny: Chronicler of an Anarcho-feminist Genealogy». *Letras Peninsulares*. Fall, Revista do Dept of Spanish, Davidson college, Davidson, NC, USA, 1997, pp. 333-354.

⁴ Luce Fabbri. “Alicia Goyena o la pedagogia del respecto”. In *Homenaje a Alicia Goyena*, 50º aniversario del Instituto Jose Battle y Ordóñez, Montevideo, 17/05/62, 1962, p. 39/43.

⁵ S.R.Vilamil. *Los feminismos del comienzo del siglo*. Montevide, Greemu, 1989.

⁶ Y. Gonzales Sierra. *Del hogar a la fabrica. Desonra o virtud?* Montevideo, Nordan Comunidad, 1996.

⁷ *Idem, ibid.*

LUCE FABRI, O ANARQUISMO E AS MULHERES

- ⁸ *Idem.* "1890-1990. 1º de maio en la Republica de las Mujeres". *La Republica*, 20-04-1990, p.6
- ⁹ G. Sapriza. *Los caminos de una ilusion.1913: huelga de mujeres en Juan Lacaze*. Montevideo, Colección Raíces, Editorial Fin de Siglo, 1993.
- ¹⁰ *Idem.* *Memorias de rebeldia. Siete historias de vida*. Montevideo, Greemu, Pontosur, 1988, p.43
- ¹¹ J. R. Bucla. *Historia de un ideal vivido por una mujer*. Buenos Aires, s.n. , 1964, p.19.
- ¹² R.C. Jomini. *Uma educação para a solidariedade*. São Paulo, Pontes, 1990 e S. Gallo. *Educação anarquista, um paradigma para hoje*. São Paulo, Editora Unimep, 1995.
- ¹³ M. Belluci. "Anarquismo e feminismo". *Todo es história*. Buenos Aires, año XXVII, 1994, no 321, p. 68, abril.
- ¹⁴ L. Fletcher. *Una mujer llamada Herminia*. Buenos Aires, Catalogo Editora, 1993 e Rodrigues. *Os libertários*, Rio de Janeiro, VJR-Editores Associados, 1987.
- ¹⁵ Impemba, 1998, p. 1.
- ¹⁶ M. A de Ramirez. *En pos de la justicia*. Montevideo, Biblioteca e Centro Feminino Maria Abella de Ramirez. 1995.
- ¹⁷ J. E. I hahner. *Emancipating the Female Sex. The Struggle for Women Rights in Brazil, 1850-1944*. Durham, N.C. , Duke University Press, 1990.
- ¹⁸ *Mundo Uruguayo*. 1929. Ano XI, n. 522.
- ¹⁹ Ver E. Rodriguez. *Os companheiros*. Florianópolis, Insular, 1997.
- ²⁰ Luce Fabbri. *I canti dell' atesta*. Montevideo, M.O Bertani Editore , 1932, p.43.
- ²¹ Hannah Arendt. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- ²² M. L. Moura. *Religião do amor e da beleza*. São Paulo, Condor, 1926. p.184 e Margareth Rago. *Do Cabaré ao Lar, a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985, p.104.
- ²³ Luce Fabbri. (Luz del Alba, pseudônimo). Coletânea *19 de Julio. Antologia de la Revolución Española*. Montevideo, s.n. 1937.
- ²⁴ Luce Fabbri. "El evento de San Pablo, Otros 500". (24/29 agosto 1992). *Opción*

Libertária. Montevideo, n. 20, abril, 1993.

²⁵Luce Fabbri. "Luce Fabbri e a utopia literária". *Espaço Feminino*. Revista do Centro de Estudos e Pesquisa sobre a mulher e as relações de gênero. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, n. 4, 1997, pp. 57-67.

RESUMO

Nesse artigo, pretendo apresentar dimensões pouco trabalhadas da história do anarquismo latino-americano, a partir da trajetória da militante anarquista italiana Luce Fabbri, ex-professora universitária, historiadora e poetisa, falecida recentemente, aos 92 anos de idade. Acompanhando os percursos de sua própria memorização do passado, das leituras que produz da história dos libertários, busco destacar a presença das mulheres anarquistas, no Uruguai e perceber as problematizações sobre as relações de gênero no pensamento libertário.

PALAVRAS-CHAVE: anarquismo, Luce Fabbri, mulheres anarquistas, gênero, pensamento libertário.

RÉSUMÉ

J'explore, dans cet article certains aspects encore inexplorés de l'histoire de l'anarchisme latino-américain, à partir de la trajectoire de la militante anarchiste italienne Luce Fabbri, professeure universitaire, historienne et poète, qui vient de s'éteindre à l'âge de 92 ans. Les parcours de sa mémoire du passé, ainsi que sa vision de l'histoire des libertaires, m'ont permis de mettre en évidence la présence des femmes anarchistes en Uruguay et percevoir les problèmes posés par les relations de genre dans la pensée libertaire.

MOTS-CLÉS: anarchisme, Luce Fabbri, femmes anarchistes, genre, pensée libertaire.